

DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação
FERNANDO CABRAL MARTINS



CAMINHOS

Shi

DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA
E DO MODERNISMO PORTUGUÊS
COORDENAÇÃO DE FERNANDO CABRAL MARTINS

Ilustração da sobrecapa: João Botelho

Paginação: Júlio Matias

Revisão: Fernanda Fonseca e Luís Manuel Gaspar

Seleção iconográfica: Luís Manuel Gaspar e Rui Mário Gonçalves

© Editorial Caminho — 2008

Tiragem: 4000 exemplares

Impressão e acabamento: NORPRINT, ARTES GRÁFICAS

Data de impressão: Outubro de 2008

Depósito legal n.º 282 634/08

ISBN 978-972-21-1985-6

www.editorial-caminho.pt



DICIONÁRIO
DE
FERNANDO PESSOA
E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação

FERNANDO CABRAL MARTINS

CAMINH-O

S|hi

superior e o carácter inovador pela inserção de elementos científicos nas suas histórias e pela criação do enredo policial invertido. Crítica-lhe a falta de imaginação: «*Dr. Freeman's sterling fault is his absence of imagination*» (E3 100-24). Austin Freeman, acrescenta Pessoa, repete situações, tipos de histórias, episódios românticos, momentos de emoção e tipos de criminoso. Dá, como exemplo, dois romances: *A Certain Mr. Thorndyke* e *The Bronze Parrot*. Em relação a este último romance, Pessoa acusa Freeman de copiar, de fazer um *mental reprint*, do conto de H. G. Wells, *The Purple Pileus*. Pessoa critica ainda o excesso de páginas: «*Dr. Freeman is always readable but "A Certain Dr. Thorndyke" could have been told in fifty pages*» (E3 100-30). Talvez por influência deste autor, Pessoa utiliza, na novela policiária *Cúmplices*, impressões digitais, disparos de armas e marcas da queda de um corpo.

BIBL.: *Crime Fiction*, ed. Martin Priestman, Cambridge, Cambridge University Press, 2003; KNIGHT, Stephen, *Crime Fiction 1800-2000*, Basingstoke, Palgrave Macmillan, 2004; *The Oxford Companion to Crime & Mystery Writing*, ed. Rosemary Herbert, Oxford, Oxford University Press, 1999.

Ana Maria Freitas

FUTURISMO. O manifesto do Futurismo é publicado em Paris, no *Figaro*, em 20-2-1919 — e a notícia que entretanto vai havendo dele em Portugal é alguma, mas escassa. Em 1912 e 1913, Guilherme de Santa-Rita, que em breve muda o nome para Santa Rita Pintor, ou Sá-Carneiro, ambos em Paris, interessam-se pelo Cubismo, Futurismo, trazendo depois para Portugal informações e experiências. É reina a confusão. Publicam-se «poesias futuristas» (há uma, curiosa, assinada por Alípio Castro d'Ayre no *Portugal Artístico* de Março de 1914, ano que é também o da difusão do primeiro assomo vanguardista em Portugal, o Paulismo) que não têm nada a ver com o Futurismo. Entende-se, por uma corruptela semântica, que «futurista» é sinónimo de escrita ultracomplexa e anfigúrica, e até Pessoa, mais tarde, no *Portugal Futurista*, em 1917, há-de publicar poemas que são paródias do Simbolismo de Eugénio de Castro e que correspondem ao Futurismo nesta acepção bem portuguesa (género Alípio Castro d'Ayre).

De 1914 data a escrita por Pessoa da *Ode Triunfal*, que marca o aparecimento de Campos, heterónimo iluminado pela poética futurista. Ora, a ode de Campos, se tem características particulares que em parte se desviam do Futurismo, como certos parêntesis de teor lírico ou irónico ou o tratamento da dimensão temporal, nem por isso deixa de estar muito próxima das suas estética e atitude. É disso bom exemplo a exaltação da poesia das máquinas, de uma beleza absolutamente moderna, ou a dos «armamentos gloriosamente mortíferos», tema capital do Futurismo nacionalista. Em 1915 são publicados no *Orpheu* poemas futuristas: além da *Ode Triunfal*, a *Manucure*, de Sá-Carneiro, cada um em seu número dos dois que a revista teve. O último é um poema em que se lêem traços não-futuristas, também, dado que é a mão de Sá-Carneiro que nele se inscreve, mas existe uma conformação paródica com o Futurismo, incluindo a citação *ipsis verbis* de palavras de ordem dos manifestos italianos ou, na evidência da sua forma, a utilização dos processos futuristas típicos da invenção gráfica ou caligráfica. No segundo número de *Orpheu*, Álvaro de Campos assina um novo poema, longo e violento, a *Ode Marítima*, que já nada tem de futurista, podendo relacionar-se antes com a raiz mais antiga de Walt Whitman e Verhaeren, também, aliás, raízes reconhecidas do movimento de Marinetti. Sá-Carneiro publica narrativas, *A Confissão de Lúcio* em 1914 e *Céu em Fogo* em 1915, que cantam a espaços os temas do Futurismo relacionados com a vida urbana industrial. Mas essa é apenas uma das linhas que formam o seu texto, entre outras. E não a mais importante.

Mais futurista é Almada, que publica o *Manifesto Anti-Dantas* e por extenso no final de 1915, enquanto escreve *A Cena do Ódio*, poema-manifesto destinado ao *Orpheu* 3 mas que só em 1923 vem a ser parcialmente publicado como separata da *Contemporânea* 7. Em 1916, Almada Negreiros funda o Comité Futurista de Lisboa, com Santa Rita Pintor, outro futurista, e publica dois importantes folhetos tipicamente futuristas: o *Manifesto da Exposição de Amadeo de Souza-Cardoso* e o poema *Litoral*. Entretanto, em Faro, no jornal *O Heraldo*, começa a publicar-se uma secção futurista, onde publicam Pessoa, Sá-Carneiro e Almada, além de vários poetas algarvios, entre os quais Carlos Porfírio, que haveria

de figurar como director do *Portugal Futurista*. Ainda em 1916, são traduzidos manifestos do Futurismo no jornal *O Dia*. Em 1917, ano culminante, são lidos manifestos futuristas italianos e um português, o *Ultimatum Futurista às Gerações Portuguesas do Século XX*, de Almada, na Conferência Futurista que tem lugar no Teatro República, em Abril, os mesmos publicados depois no número único do *Portugal Futurista*, em Novembro. A revista é quinze dias depois apreendida pela Polícia, preocupada com os bons costumes. Um *Ultimatum* de Álvaro de Campos parece ter contribuído em boa parte para esse acto de força, pois exibe um «MERDA!» gritado em maiúsculas contra toda a autoridade estabelecida. Também *Mima-Fataxa* é um poema de Almada com culpas no cartório repressivo, pois exalta uma Salomé desbragada em último grau. Outro texto futurista é ainda *Saltimbancos (Contrastes Simultâneos)*, em que Almada escreve sem pontuação uma narrativa que termina explodindo em onomatopeias. O *Portugal Futurista* tem, ainda, nada menos de dois artigos sobre Santa Rita Pintor, marcando o seu lugar central na cena, o primeiro deles a abrir o número e acompanhado de uma fotografia sua de página inteira, o segundo de Raul Leal, em francês, apelidando a sua obra de «géniale». Ainda em 1917, Almada publica dois livros. Um, que é uma obra-prima do Futurismo português, *K4 O Quadrado Azul*, dedicado a Amadeo de Souza-Cardoso, datado de «Lisboa 1917 Europa modelo 1920» e dando exemplo da imaginação em liberdade. Outro, *A Engomadeira*, datado de 1915, próximo de uma espécie de versão surrealista do Interseccionismo.

Em 1918 morrem Santa Rita Pintor (que pede para queimarem os seus quadros) e Amadeo. Em 1919 Almada Negreiros vai para Paris. Mas o Futurismo só acaba em 1921, com a publicação de *Nós*, de António Ferro. último sobressalto da fúria de manifestos de 1916 e 1917. Nesse instante, Almada, que aliás sempre mantivera zonas de trabalho diferentes, emerge em 1921 dessa cacofonia belicosa com *A Invenção do Dia Claro*. Em 1921 trancrevem-se no *Diário de Lisboa* intervenções de Raul Leal e de Almada Negreiros que aparecem associadas pelo jornal ao Futurismo, mas que já nada têm a ver com essa corrente — que para Raul Leal nunca foi senão uma referên-

cia longínqua. O mesmo António Ferro profere em 1922, no Brasil, a conferência *A Idade do Jazz-Band*, que, do mesmo modo, já não pertence ao Futurismo nem a nenhuma Vanguarda em particular. A própria mutação do manifesto em conferência é disso um sinal.

BIBL.: ALVARENGA, Fernando, *A Arte Visual Futurista em Fernando Pessoa*, Lisboa, Editorial Notícias, 1984; GUMARÃES, Fernando, *Artes Plásticas e Literatura*, Porto, Campo das Letras, 2003; NEVES, João Alves das, *O Movimento Futurista em Portugal*, 2.^a ed., Lisboa, Dinalivre, 1987.

Fernando Cabral Martins

FUTURISMO SAUDOSISTA. Pessoa teve intensa participação no Modernismo português. Seu amigo Sá-Carneiro enviava-lhe notícias das vanguardas parisienses e, estimulado por esse diálogo epistolar, o poeta concebeu vários movimentos literários originais: o «Paulismo», o «Interseccionismo», o «Sensacionismo». Em 1915, os dois poetas criaram e animaram a revista *Orpheu*, na qual o modernismo português esboçou seus primeiros passos.

O Futurismo português foi apenas um episódio da renovação artística no País. Iniciou-se com uma «sessão futurista» no Teatro República de Lisboa, no dia 14-5-1917, e findou com a publicação da revista *Portugal Futurista*, que teve um único número, em novembro do mesmo ano, e foi logo apreendido pela polícia. As propostas futuristas já eram conhecidas em Portugal desde 1909, quando o jornal *Diário dos Açores* publicou o primeiro manifesto de Marinetti. E em 1916, outro jornal, *O Heraldo* de Faro, publicava uma «página futurista».

O conteúdo do número único de *Portugal Futurista* era, essencialmente, a tradução e a glosa dos principais manifestos futuristas italianos, além da publicidade daquele que se apresentava como o interlocutor português de Marinetti, o artista plástico Santa Rita Pintor. Mas o número trazia duas colaborações notáveis: a prosa vertiginosa de Almada Negreiros (*Saltimbancos — Contrastes Simultâneos*) e um manifesto assinado por Álvaro de Campos, *alter ego* daquele que, pela grandeza de seu génio, estaria associado a todos os *ismos*, ultrapassando-os todos. Pessoa «ele mesmo» e Sá-Carneiro, já falecido, também figuravam na revista.